

**UMA REFLEXÃO SOBRE SIGNIFICADOS DA AUTO-IMAGEM DO CATADOR**

**UNA REFLEXIÓN ACERCA DEL SIGNIFICADO DE LA PROPIA IMAGEM DEL RECICLADOR**

Rogéria Alves da Silveira  
Felipe Teixeira Martins

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS**  
rogeriasilveira1@gmail.com, barba9999999@yahoo.com.br

**RESUMO**

Este estudo propõe reflexões acerca de significados da imagem do catador de materiais recicláveis, fornecidas por eles. Interessou-nos como o qualificativo do trabalho que exercem está implicado nessa imagem. Os catadores são pessoas que tomaram as ruas das cidades para garantir sua sobrevivência – triando e vendendo materiais recicláveis e reutilizáveis – devido às condições de pobreza e miséria nas quais vivem. Refletimos sobre informações coletadas por pesquisa empírica, analisamos a auto-imagem do catador e sua percepção de como os outros os vêem, encadeando considerações teóricas, embasadas em Jessé Souza, que procuram desvelar condições invisibilizadas no discurso. A aparente liberdade e autonomia dos catadores podem ser entendidas, nesse sentido, como falta de qualificações disposicionais (auto-disciplina, auto-controle, pensamento prospectivo) para se inserirem em organizações modernas do trabalho, o que os impedem de se realizarem plenamente por meio do trabalho, isto é, serem dignos de valor por si, de serem reconhecidos e respeitados. Essas disposições proporcionam a condição para que haja reconhecimento social através do *princípio da dignidade*. Este está calcado na valoração que o trabalho proporciona àquele que pode realizá-lo, se tiver as condições elementares para tal. Assim, a partir desse aporte teórico pudemos realizar uma re-leitura interessante das imagens trazidas pelos catadores.

**Palavras-chave:** catadores de materiais recicláveis, auto-imagem, reconhecimento.

**RESUMEN**

Este estudio propone reflexiones sobre el significado de la imagen de recicladores suministrados por ellos. Interesado en cómo está implicado el calificador de su trabajo en esta imagen. Los recicladores son personas que salieron a las calles de las ciudades para asegurar su supervivencia - el procesamiento y venta de materiales reciclables y reutilizables - debido a la pobreza y la miseria en que viven. Reflejada sobre la información recogida por la investigación empírica, se analiza la propia imagen del reciclador y su percepción de cómo los ven los demás, encadenando consideraciones teóricas, basado en Jesse Souza, tratando de desvelar las condiciones del discurso invisibilizado. La aparente libertad y autonomía de los recicladores pueden entenderse en este sentido como disposicional falta de cualificaciones (autodisciplina, autocontrol, visión de futuro) para insertarse en las organizaciones de trabajo modernas, que les impiden ser totalmente realizada a través trabajo, es decir, ser digno de valor en sí mismo, para ser reconocidos y respetados. Estas disposiciones establecen el requisito para el reconocimiento social a través del principio de la dignidad. Esto se basa en el valor que el trabajo le ofrece que puede lograrlo, si usted tiene las condiciones básicas

para tales. Así, desde este enfoque teórico que realizamos una relectura interesante de las imágenes presentadas por los recicladores.

**Palabras clave:** recicladores, imagen de sí mismo, el reconocimiento.

## **INTRODUÇÃO**

A cena de pessoas perambulando pelas ruas das cidades, revirando o lixo e, dele, recolhendo alguns materiais tornou-se imagem frequente na paisagem urbana. Vários nomes são dados a estas pessoas identificando-as como “vadios”, “sucateiros”, “trecheiros” etc, porém, a que mais marcou e ainda marca é “catadores de lixo”. Foram denominados com esses termos até serem registrados pelo Código Brasileiro de Ocupações (CBO) como catadores de materiais recicláveis.

Este estudo realiza um exercício de interpretação acerca de informações empíricas secundárias através, principalmente, do aporte teórico encontrado em obras de Jessé Souza (SOUZA 2000; 2003; 2006; e 2009).

Conforme Silveira (2012)<sup>1</sup>, a história dessas pessoas retrata que algumas necessidades às levaram a adotar o comportamento de coletar restos/coisas descartados pela sociedade, seja com o objetivo de alimentar, de trocar ou de vender. Ao longo dos tempos, e ainda hoje, tal comportamento adquire múltiplos significados e a figura do catador de materiais recicláveis pelas ruas das cidades gera impressões e desperta sentimentos dos mais variados. Compaixão, repulsa e medo são alguns desses sentimentos cuja origem se dá na medida em que o catador é associado à imagem de pedintes, mendigos, bêbados e vagabundos, pessoas à margem do contexto social; por outro lado, são vistos como aqueles que recolhem o “lixo” das ruas e acabam colaborando com a limpeza das cidades, sendo chamados, inclusive, de “agentes ambientais”, contribuidores da preservação do meio ambiente; outra representação dos catadores está relacionada aos comportamentos de admiração e respeito, na medida em que sua imagem também é vinculada a trabalhadores que lidam com o lixo e à partir dele labutam para garantir a sobrevivência.

Observar os catadores apropriarem-se de resíduos descartados pela sociedade no intuito de sobreviver, leva-nos a refletir sobre o enfoque da dimensão ambiental inerente à atividade ocupacional dos catadores. Esse aspecto merece ser destacado, pois, pode-se dizer que a intensa produção de lixo ocorrida na atualidade está associada às condições de existência da ocupação dos catadores. Além disso, ao reencadearmos ao processo produtivo os materiais recicláveis selecionados do lixo, agrupados e acumulados por tipo pelos catadores, recolocamos esses materiais na cadeia produtiva como parte da matéria-prima, o significado ambiental logo surge: reduz a extração de recursos naturais (tanto economiza energia da extração quanto diminui o montante que precisaria ser retirado da natureza). Além dessa dimensão da sua atividade que ressalta o qualificativo dos catadores como agentes ambientais, esses trabalhadores labutam dia e noite para garantir seu sustento através da venda dos materiais, e realizam, por consequência, atividades de trabalho de limpeza urbana, sem remuneração, e contribuem ainda, de forma decisiva, para a preservação do meio ambiente.

Embora o trabalho realizado pelos catadores seja de grande importância para a limpeza urbana, grande parte do poder público municipal nega tal relevância, na medida

---

<sup>1</sup> Este estudo foi feito a partir da pesquisa empírica realizada por SILVEIRA (2012) em sua dissertação de mestrado, intitulada: “A construção social do catador e sua ocupação: Vivências e perspectivas no trabalho em Montes Claros - MG”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS/Unimontes. Aqui tomamos por base a pesquisa empírica da dissertação e procuramos articulá-la a um outro referencial teórico, buscando explorar outros aspectos.

em que não reconhece legalmente o trabalho desenvolvido por estas pessoas. Apesar de ainda existir uma associação negativa dos catadores com o lixo, é importante reconhecer que as atividades de trabalho que realizam representam a luta travada diariamente pela sobrevivência, além de ser extremamente importante para a limpeza das cidades e para a economia dos recursos naturais.

Falar sobre os catadores é algo que nos remete a pensar em algumas situações reais da vida dessas pessoas, como as condições de pobreza que vive a maioria e a forma que utilizam para garantir a sobrevivência, por meio do trabalho de coletar, triar e vender materiais retirados do lixo urbano.

Os catadores são pessoas que tomaram as ruas das cidades para garantir sua sobrevivência devido às condições de pobreza e miséria pelas quais vivem. Condições estas que chegam a ser degradantes e desumanas na medida em que a maioria deles vive privada de condições mínimas de sobrevivência, tanto limitações econômicas que chamamos de materiais, quanto carências de bens não materiais. Quantas vezes ouvimos de alguns catadores relatos de que saíam bem cedo para coletar os materiais e não viam a hora de voltar para casa com o “dinheirinho” conseguido, no dia, para comprar o pão e o leite para que seus filhos pudessem se alimentar. Ou então, quando diziam das grandes dificuldades encontradas para conseguir o remédio para seus filhos ou a consulta no posto de saúde.

Situações como essas relatadas pelos catadores remete-nos ao entendimento de pobreza relacionado ao que Amartya Sen (2000) denominou de privação de “liberdades substantivas”, quando as oportunidades mais básicas para o desenvolvimento dos indivíduos como cidadãos lhes são negadas. Para esse autor, tal privação impede as pessoas de usufruírem de liberdades consideradas direitos universais, impedindo-as, por exemplo, de saciar a fome, de ter acesso a água tratada, a moradia, a saneamento básico, a vestir-se e de ter acesso a uma educação e assistência à saúde de qualidade. Nessas condições entendemos que a maioria dos catadores se apropria de resíduos descartados pela sociedade – para consumir, trocar ou vender, e garantir sua sobrevivência –, encontrando-se privada das referidas oportunidades básicas para viver. Portanto, são em geral considerados pobres.

As reflexões acima nos fazem pensar que mesmo sendo considerados pobres e vivendo sobre precárias condições de vida, chegando até mesmo a atingir situações de miséria, são ao mesmo tempo vistos como agentes ambientais.

Para Silveira o processo histórico de formação e reconhecimento dos catadores é marcado por um duro caminho de lutas e conquistas. O Brasil é o país pioneiro nessas mobilizações, que se intensificaram em meados dos anos 80 do século passado, simultaneamente, em diversas regiões do país. O processo de organização e reconhecimento dos catadores foi impulsionado, de modo significativo, por várias entidades religiosas e da sociedade civil. Para destacarmos apenas um fato relevante no processo de organização dos catadores, no ano de 1998 foi criado o Fórum Nacional Lixo & Cidadania<sup>2</sup>.

“Formado por órgãos governamentais, ONG’s, entidades técnicas e religiosas que atuam em áreas relacionadas “à gestão do lixo urbano e na área social”, **trouxo a figura do catador para a reflexão da opinião pública e “representou um importante propulsor para o**

<sup>2</sup> Formado por aproximadamente 40 entidades, como UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), Pastoral da Criança, CEMPRE (Compromisso Empresarial para a Reciclagem), a ABES (Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental), CEF (Caixa Econômica Federal), entre outras. Ver também SILVEIRA, 2012. pp. 72-74.

**processo de organização dos catadores.” (SILVEIRA, 2012. p. 76. negrito nosso)**

## **AUTO-IMAGEM**

Para refletirmos a formação da imagem que os catadores fazem de si mesmos é muito importante percebermos a relação que se estabelece entre a imagem “recebida de fora”, ou melhor aquela que é percebida como vinda de fora, e aquela que o próprio catador faz de si mesmo. Dito de outra maneira, a auto-imagem que os catadores de materiais recicláveis fazem de si mesmos, bem vista, é o resultado da relação entre o que eles percebem que os outros pensam deles e como eles pensam a si mesmos.

Em geral a imagem, por assim dizer externa, vinda de fora, percebida como vinda de fora é a que primeiro chega à consciência. Nesse sentido abordaremos também primeiramente algumas imagens extraídas de relatos dos próprios catadores, de como percebem que são vistos por outras pessoas não catadoras.

## **IMAGEM QUE OUTROS FAZEM DOS CATADORES**

Dentre as situações e representações descritas pelos catadores algumas chamam a atenção pela associação que fazem com características da delinquência e criminalidade, que são assim imputadas ao trabalho do catador, e isso é percebido por ele mesmo.

“Muitas das vezes as pessoas xinga a gente. Tem hora que eles vê a gente passando, eles vai por o lixo lá, quando eles vê a gente eles corre pra dentro, pra gente num pega [...]. Então é muita dificuldade, as pessoa xinga né, igual mesmo a gente pede água pra beber ele xinga, fala né, que num é só eles que tem casa. Eu já passei muita discriminação assim na rua. Teve uma vez que foi um policial, ele me xingou tudo e eu fiquei sentida demais. Foi porque eu tinha pegado o litro do lixo dele né, aí ele me xingou, muito. Eu fiquei muito sentida na época”. (Entrevistada 04 – associada **apud** SILVEIRA, 2012. p. 118)

Esse caso tem a ver com o modo de catar os materiais dos catadores que perambulam pelas ruas atrás de coisas reaproveitáveis e recicláveis que são encontradas dentro dos sacos de lixo, misturados aos outros descartes dos moradores, e o catador para catá-los, precisa revirar o lixo. Isso costuma ser feito na calçada em frente ao portão dos moradores, por vezes há catadores que não fecham novamente os sacos, ou derramam parte do lixo que não lhe interessa no chão, em geral por negligência ou para fugir logo dali antes que o morador veja que ele mexeu no lixo.

A lembrança da catadora de mencionar a situação em que justamente um policial a reprime é sintomática do alerta que ela faz para ela mesma que sua atividade está entre as “suspeitas” e pode ser repreendida pelos mantenedores da ordem e da segurança pública, como se estivesse fazendo “coisa errada”.

Outra situação nesse mesmo sentido ocorre quando há a venda de cobre, um dos materiais recicláveis de maior valor relativo. Entretanto não é muito fácil de ser encontrado. Algumas pessoas acabam por arrancar fiação dos postes, desencapá-la derretendo o cobre e deixando ele em “bolinhas” para ser vendido. Mas o cobre também pode ser encontrado de outro modo, como, por exemplo, em bobinas, motores, que são

descartados. De qualquer modo, na venda o ferro velho não tem como saber sobre a procedência do cobre, e aí a desconfiança se alastra, suspeitando-se dos catadores<sup>3</sup>.

Aparentando um contraponto, curiosamente quando indagados sobre o tratamento que recebem das pessoas os catadores lembram de imediato dos bons, mas quase invariavelmente logo depois surgem as situações que “não querem calar”:

“Trata bem. Quem mora lá me trata bem, é um povo muito bom. Realmente onde que eu passo, ninguém me desafia. Sempre eles me oferece cafezinho e é muito legal. Esse povo do Morada do Parque é um povo maravilhoso. Lá eles não me olham esquisito. Mas tem outros... muitas das horas, olha pra gente assim, com nojo. Eu me sinto assim, que as pessoas deve pensar que a gente é porco que tá no lixo, igual eu abro sacola pra tirar pet lá de dentro. Então, muita gente passa e realmente num fala nada. Mas fica assim... oiando né. Eu fico chateada... muito chateada.... (Entrevistada 02 – não associada apud SILVEIRA, 2012. p. 117)

Essas imagens que outros fazem deles, percebidas pelos catadores, trazem importantes aspectos para a reflexão. De um lado ponderamos que não existe somente essas imagens negativas, vindas de fora, de outros, que chegam aos catadores, mas que são justamente essas que “não querem calar”, que recorrentemente aparece nos relatos dos catadores, “como que gritando para serem escutadas”. Um aporte que nos pareceu interessante para elucidar os significados aí presentes encontramos na análise empírica que Maciel e Grilo (2009) fazem de algumas situações existenciais da ralé, especialmente de “trabalhadores” da rua (lavadores de carro e catadores de lixo) e moradores de rua. Basicamente, para o que nos interessa aqui, trazem considerações sobre a situação dessas pessoas na hierarquia do reconhecimento social, estando a ralé no nível mais baixo. Nesse nível mais baixo, nos últimos lugares estão os “vagabundos”, criminosos e traficantes, que são desqualificados e rejeitados por toda a sociedade, inclusive por agirem (especificamente os vagabundos e criminosos) contrariamente à própria organização social, base de convicção e valor de todos os outros segmentos. Logo acima destes, e que vivem com o objetivo maior de não descenderem mais ainda na escala do reconhecimento, ainda no patamar da ralé, estão aqueles que conseguem se inserir apenas parcial e precariamente no mercado de trabalho, devido à suas próprias condições de desqualificados para o moderno trabalho na sociedade capitalista, que requer indivíduos capazes de lidar com auto-controle, auto-disciplina, racionalidade, calculo e pensamento prospectivo. Os indivíduos desqualificados, nesse sentido, ao trabalho são classificados na camada social da ralé, que se distingue dos indivíduos da classe trabalhadora por estes últimos possuírem os

---

<sup>3</sup> Veja a seguinte menção observando que o teor evasivo da fala do catador conota uma intenção de se desassociar de um possível comportamento comprometedor: “Olha aconteceu um problema comigo já deve ter uns 10 anos, foi com cobre. Hoje, a gente pra comprar tem que ter muita consciência. Comprei um ferro na mão de um moço, que deu uns 41kg e quando eu ia vender, ele falou assim: “eu tenho um cobre, você num quer levar ele lá pra nós não, pra você vender lá?” Eu falei: “uai eu vou lá pro ferro velho, eu levo e vendo lá”. Quando eu cheguei lá, lá em “Joaquim”, sabe onde que é né. Lá, mora um sargento ao lado e eu num conhecia o sargento. Ai eu encostei o carrinho, ai eu pesei o ferro coloquei lá em cima. “Joaquim” olhou o cobre e falou assim: “ó seu “João”, esse aqui nós num compra não”. Eu falei: “moço porque?” E ele falou não. Isso foi numa época que eles tava roubando muito cobre. Ai eu falei: “Nossa senhora e agora?” Ai ele falou: “Olha, eu só pago o ferro. Agora, o cobre o senhor pode levar onde o senhor pegou e entregar pra lá”. Ai o sargento foi e falou com o filho de “Joaquim”: “fala com ele, com o Véio ai, que pega esse carrinho e racha fora”. Ele ainda me quebrou o galho. Era cobre que eles tiraram de fio, só as bolinha assim ó.” Entrevistado 08 - não associado apud SILVEIRA, 2012. p.120. Por sigilo os nomes foram substituídos. Note ainda que novamente há uma autoridade policial presente no relato.

requisitos básicos da economia emocional mencionada, estando aptos ao trabalho que “dignifica” o homem.

Nos casos estudados por esses autores podemos perceber uma consonância perversa entre a desqualificação ou precariedade das aptidões modernas ao trabalho presentes nos indivíduos da ralé e as atividades ocupacionais que conseguem ter acesso, e que se caracterizam por precariedade e desqualificação semelhante. O que na prática leva à manutenção e preservação desses desqualificativos, impedindo, ou pelo menos dificultando enormemente, essas pessoas a obterem o reconhecimento social que o trabalho moderno chancela, daí o título provocativo e mesmo polêmico que os autores deram ao estudo aqui mencionado – *O trabalho que (in)dignifica o homem*. Ele provoca a reflexão por que existe ampla aceitação de que todo e qualquer trabalho dignifica a pessoa, humanizando-a.

Maciel e Grilo, com base em Jessé Souza, justamente vêm mostrar que isso não é assim tão simples e certo. O trabalho de lavadores de carro nas ruas, catadores de lixo, como analisado por Maciel e Grilo – aos quais poderíamos acrescentar talvez o de guardadores de carro, recorrentemente são tidos por suspeitos, geram desconforto e constrangimento quando são notados, ou ainda receios e estado de alerta para ver se nada perigoso acontece. A associação à bandidagem, à marginalidade suspeita está sempre presente: o catador muitas vezes é associado ao vagabundo e bêbado, que só cata para conseguir uns trocados e voltar ao seu vício; os lavadores e guardadores, desde que não uniformizados e não familiares (não conhecidos há tempos), causam de pronto em geral a suspeita de serem possíveis assaltantes de carro, por exemplo. Seguindo as considerações de Maciel, Grilo e Souza, esses trabalhos feitos pelas pessoas da ralé são aqueles que qualquer um poderia fazer, pois não requerem aprendizado ou especialização técnica, instrução. Qualquer um poder fazer tem como consequência que o valor dado a ele é irrisório.

Em outro sentido, comparando essa situação à dessas mesmas atividades ocupacionais só que organizadas, com uniforme, saber-fazer acumulados, com alguém “responsável” pela atividade, negócio registrado, calculo e estratégias para evitar desperdícios, etc, salta à vista as diferenças. No caso dos catadores isso é bem visibilizado com a organização coletiva em cooperativas e a profissionalização da atividade, ou seja, que requer já um outro indivíduo, que dê conta de corresponder a essas demandas, que tenha as disposições qualificativas fundamentais para o trabalho no mundo moderno<sup>4</sup>.

## IMAGEM QUE FAZEM DE SI MESMO

Realizando seu trabalho de catação de materiais recicláveis os catadores têm a oportunidade de experienciar variadas situações de interação social com diversas pessoas que encontram pelas ruas. Ao perceberem as imagens que os outros fazem deles, se processa uma resignificação através de avaliações e reavaliações dessa imagem, reagindo, assumindo e se mobilizando, levando em conta suas opiniões, emoções e sentimentos, aquilo que ressoa em si e aquilo que lhe é estranho e imputação desproposita, ao seu ver. Ou seja, os catadores vão construindo novos significados da sua imagem, para si mesmo, a partir do impulso que a imagem que lhe chega de fora faz dele.

---

<sup>4</sup> Neste estudo, com o intuito de testar o alcance e as possíveis limitações da perspectiva fornecida por Jessé Souza, seguimos em larga medida a orientação de procurarmos compreender as dinâmicas que produzem repetidamente as condições desqualificadas da ralé, para compreender a fundo os processos perversos de reprodução da pobreza, por isso não lidamos com as alternativas de saída dessas condições.

O psicólogo social Lev Seminovitch Vygotsky (2002) afirma que "na ausência do outro o homem não se constrói homem", essa máxima leva-nos a compreender as interações sociais como ponto de partida para o estabelecimento de relações potenciais de qualificação como seres humanos.

A partir das vivências construídas na interação com os outros durante o trabalho, os catadores vão desenvolvendo também o que aqui estamos chamando de "imagem que o catador faz de si mesmo".

Situação interessante relatada pelos catadores chama a atenção pelo conteúdo afetivo, presente em suas falas, quando descrevem o "gosto pelo trabalho que realizam". Na fala a seguir uma catadora entrevistada por Silveira estabelece uma relação direta entre "gostar da atividade", com aspectos como "felicidade", "liberdade" e "autonomia". Nesse sentido, a catadora descreve em seu relato como ela se vê diante da realização do seu trabalho.

"Serviço bom da gente faz. Num tem patrão. A gente chega na hora que a gente qué né, vai a hora que a gente qué, o dia que qué [...]. Então, por isso que eu gosto do meu trabalho. Sempre ganha pouco né, mais pouco com Deus é muito. Mais num tem ninguém pra me aborrece. Pelo tanto que eu já trabaiei, isso aí é uma maravilha pra mim". (Entrevistada 01 - associada apud SILVEIRA, 2012. p.125)

Esse caso está relacionado ao sentimento da catadora diante da realização do trabalho de catar os materiais recicláveis. Ela se vê feliz e realizada, principalmente, em relação à condição de poder "controlar" sua forma e rotina de trabalho. O poder de "autonomia" afirmada pela catadora, juntamente com a sensação de "liberdade" para gerenciar suas atividades de trabalho, desperta nela o prazer de trabalhar na catação, deixando-a na condição de estar emocionalmente satisfeita e realizada. Identificamos a imagem de felicidade e realização definida pela catadora quando descreve a condição de autonomia que possui para escolher a forma, dias e horários para trabalhar, sem estar submetidas a patrão ou a regras externas pré-estabelecidas.

"No cotidiano de recolher, selecionar e vender os materiais coletados, o catador segue uma rotina diária. Observa-se que tal rotina pode apresentar-se de formas diferenciadas, o que ocorre devido às especificidades de cada contexto, situação e/ou condições de trabalho a que estão submetidos, e que, por sinal, são diversas. Em relação à rotina de trabalho, o catador utiliza sua "liberdade" e "autonomia" para definir como organizar suas atividades laborais". (SILVEIRA, 2012, p. 30)

Essa liberdade e autonomia pode ser relativizada devido a referência que os dias e horários da coleta domiciliar de lixo feita por caminhões toma para as atividades ocupacionais de grande parte dos catadores.

"Levanto 2 horas da manhã e começo às 3 horas; tem que ser muito cedo. Porque tem muitos catador e também tem o caminhão da prefeitura que pega o lixo. Antes do caminhão vim, a gente tem que está com a carroça carregada. Quanto mais cedo eu saí, melhor". (Entrevistado 01 – não associado apud SILVEIRA, 2012. p. 114).

Apesar dessa relativização, que referencia em certa medida o trabalho de coleta dos catadores pelas ruas e calçadas em função do cronograma de coleta do lixo domiciliar pelo município<sup>5</sup>, a característica que se contrapõe, ou explica melhor alguns significados da liberdade e autonomia do trabalho dos catadores na verdade é outra. Seguindo alguns passos dos argumentos mobilizados por Souza, percebemos que essa liberdade não está como aparenta, entre as práticas deliberadas, mas são efetivamente condições de *indisposição* ao trabalho como este é organizado na sociedade capitalista moderna, já que esta pressupõe indivíduos capazes de elaborar e se comportar em consonância com o que chama de “economia emocional”. Para que possa existir o sistema capitalista, conforme podemos depreender das obras de Souza, os indivíduos precisam dispor das características correspondentes às demandadas por esse sistema. Quais sejam: auto-disciplina, auto-controle, pensamento prospectivo e calculista. Essas qualificações são em geral despercebidas porque, conforme argumento de Souza que remonta em parte a Bourdieu, são inculcadas e se tornam corpo desde a primeira infância, através das socializações decorrentes da origem familiar e do processo de aprendizado escolar, conformando o *habitus* correspondente à classe da qual se faz parte. Souza desenvolve uma ampla e multifacetada argumentação para nos proporcionar uma interpretação forte do significado moderno da desigualdade brasileira. Nesse sentido três de seus livros são fontes importantes, *A construção social da subcidadania*, *A invisibilidade da desigualdade brasileira* e *A ralé brasileira*.

Um aspecto que caracteriza parte significativa dos catadores é a de que eles não simplesmente estão desempregados, e sim, conforme o argumento de Souza, que praticamente são incapazes de conseguirem a inserção no mercado de trabalho, em geral por ser parte de um grupo social que vêm reproduzindo as condições de desigualdade por gerações. Consequentemente, os processos de socialização familiar, as dificuldades de inserção escolar e obtenção de instrução moderna, reproduzem a falta de condições para sua inserção no mercado de trabalho moderno que requer as disposições de uma economia emocional da ação.

O aspecto positivo da atividade de catar materiais recicláveis foi identificado em outra situação, quando um catador relata seu gosto em realizar suas atividades laborais devido a aspectos como retorno financeiro imediato e flexibilidade no trabalho, elementos percebidos pelo catador como favoráveis a si mesmo. “É um serviço que a gente ganha um dinheiro rápido. Não precisa trabalhar o dia todo. Carregou a carroça, levou e recebeu na hora”. (Entrevistado 01 - não associado **apud** SILVEIRA, 2012. p. 124)

Nesse relato o catador em questão fala de um aspecto comum identificado em atividades de trabalho realizadas no campo da informalidade que, aqui, chamamos de “imediatez do retorno financeiro” trazido pela catação. Por várias vezes tivemos a oportunidade de observar alguns catadores encerrarem suas atividades de trabalho após conseguirem certa quantia em dinheiro com a venda dos materiais coletados, que julgavam suficiente para satisfazerem suas necessidades imediatas, mesmo que havia uma tanto de materiais recicláveis disponíveis para serem coletados e vendidos, naquele dia.

Esse aspecto nos chama a atenção por que indica uma disposição pouco presente ou arraigada em parte dos catadores, a do pensamento prospectivo, que calcula e planeja metas e estratégias para o futuro em função de situações que se quer superar ou alcançar. Impera a luta pela sobrevivência do dia, daquela hora, da fome que se está passando, mas a capacidade de planejar para não passar por esses apertos não tem muito como ser mobilizada, porque não foi inculcada, preparada e incorporada desde a

<sup>5</sup> Porque não existe um programa municipal de coleta seletiva em Montes Claros.

infância. Assim, muitas vezes em que os catadores conseguem uma grande quantidade de materiais de maior valor e obtêm um pagamento razoável, esse dinheiro satisfaz as necessidades imediatas, mas raramente se planeja como parte dele poderia, por exemplo, ser guardado enquanto se obtém outra parte com o trabalho de outros dias, e fosse possível com isso gerar algum acúmulo e assim programar uma melhor estruturação das condições de vida. Não deixamos de notar que as necessidades imediatas de extrema carência se impoem em muitas situações, mas para além dela, e mesmo junto a ela, nas brechas que surgem, como mencionamos acima, o cálculo prospectivo dificilmente aparece, porque em geral não é uma disposição existente.

Por isso, ainda mais, o fato de obter “*um dinheirinho rápido*”, mesmo que praticamente insignificante, se associa à percepção do catador de que trabalha sem controle do patrão, na hora e locais de sua própria escolha, criando um imaginário virtuoso para o significado que o trabalho traz para ele.

Nesse sentido entendemos estar implícita no relato do catador, citado anteriormente, a auto-imagem de contentamento e auto-realização com a catação por essas situações que o catador toma como vantajosas, de retorno imediato e flexibilidade no trabalho.

Também aparece a satisfação em trabalhar no setor informal, visto que o catador entrevistado alegra-se com o fato de não ter a obrigação de cumprir uma jornada de trabalho diária. Desta forma, novamente, identificamos no relato acima que o referido catador se percebe contente e feliz em trabalhar na catação. Esse contentamento, interpretado com o aporte teórico de Souza, precisa ser bem ponderado para ser entendido. O autor desenvolve uma longa reflexão sobre os dilemas da interpretação da formação histórica do Brasil – desde 2000 com o livro *A modernização seletiva* até desembocar no expressivo *A ralé brasileira* de 2009. Este último ousa explicitar e explicar os processos de reprodução sucessiva da desigualdade no Brasil, com um discernimento incrível dos mecanismos que mantém significativa parcela da população brasileira em condições de forte desigualdade. Assim, sua atenção não se demora nas origens (mais trabalhadas em *A modernização seletiva* e *A construção social da subcidadania*), nem nas brechas que nos servem de “*escapatória*” para a dureza dos processos de reprodução da desigualdade, bem entendido, aquilo que faz com que grupos de pessoas e famílias por gerações se mantenham na pobreza. Em larga medida, situamos muitos catadores como pertencentes a esse universo de pessoas que convivem com a pobreza há gerações, reproduzindo-a. A reprodução opera justamente pela não incorporação do *habitus* necessário à inserção pelo trabalho na sociedade moderna, o que Souza chama de *habitus precário*, e constrói conceitualmente ao articular considerações de Bourdieu com idéias de Charles Taylor, sobre a Teoria do Reconhecimento.

Por mais que os catadores apontem os aspectos apresentados anteriormente como positivos relacionados ao quesito “gostar da atividade de catar materiais recicláveis”, destacamos um contraponto em que uma catadora entrevistada desabafa acerca do valor que consegue arrecadar com o trabalho de catação.

“O problema do trabalho num é a gente gostar. A gente trabalha é por que a gente é obrigada à trabalhar, por que a gente tem a necessidade [...]. O negócio não é gostar, o negócio é por que é um serviço cansativo e quando chega no fim das contas que a gente vai vender, a gente pensa assim: “é diacho, eu trabalhei tanto, juntei muita coisa”. Tem vez de sair seis “gordas” cheia de pet, ferro, alumínio. A gente

fica alegre, achano que ia receber uns 200 e por fim não recebe”.  
(Entrevistada 02 – Não associada apud SILVEIRA, 2012. p. 125)

Na fala da catadora, observamos aspectos nem tão positivos assim, como afirmados em relatos anteriores. De forma geral, pode-se dizer que esse desabafo é comum para a maioria dos catadores que dizem do tanto que se empenham e caminham pelas ruas durante todo o dia e também à noite, à procura dos materiais. Ainda trabalham em condições prejudiciais à própria saúde, debaixo de sol, chuva, expostos a riscos como acidentes com materiais cortantes ou acidentes de trânsito, ou até mesmo da agressividade e violência de pessoas que os assaltam ou espancam. E no final do dia o valor que recebem poucas vezes cobre suas necessidades imediatas, como mostra a fala seguinte: “*A gente caminha muito e quando junta e vai vender, no fim das conta o que vende, num dá nem pra fazer a feira.*” (Entrevistada 02 - não associada apud SILVEIRA, 2012, p. 128).

Observamos em muitos relatos que o trabalho de catação de materiais recicláveis aponta certas situações que explicitam a pobreza em que vivem, já que, por exemplo, a conquista do dinheiro para uma refeição é enfatizado. Ao mesmo tempo em que os catadores sentem-se insatisfeitos com o fato de trabalharem muito e ganhar pouco, não dando inclusive para fazer a feira, em outras situações esse “pouco” é de grande importância, e sem ele a situação seria impossível. Conforme Silveira (2012, pág 110) em outro caso, uma catadora mãe de cinco filhos descreve uma situação de dificuldade que vivenciava. Ela relata que não tinha nenhum tipo de alimento em casa para oferecer aos filhos e que estes já estavam chorando porque estavam com fome, e então, que certa manhã, pegou um carrinho de mão e foi para a rua catar alguns materiais. Segundo a catadora, o material coletado nesse primeiro dia de catação, rendeu uma quantia que deu para comprar leite, açúcar, café e pão para alimentar seus filhos.

Nas vivências diárias em sua atividade ocupacional, os catadores vão estabelecendo significados para si e para seu trabalho. Vão dando sentido às suas emoções e sentimentos, e construindo representações acerca de como vêm a si próprio em relação ao trabalho que realizam. Gostar ou não da atividade de catação, estar satisfeito e feliz com ela, ou não, são condições que incorporadas pelos catadores vão definindo seus sentimentos e as formas como eles se vêm realizando seu trabalho. Assim, vão constituindo internamente a sua auto-imagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na esteira das considerações de Jessé Souza, podemos entender que as condições precárias do trabalho dos catadores manifestam o correlato à situação desqualificada do indivíduo conformado pelo *habitus precário*, isto é, que não incorporou as condições básicas para ser qualificado para o trabalho organizado na sociedade moderna, precisando, forçosamente, atuar nas franjas do mundo do trabalho, em ocupações fronteiriças que estão entre a marginalidade e o trabalho propriamente.

Desse modo também é que entendemos porque as faltas de condições do cotidiano de trabalho dos catadores são tomadas como virtudes: não há outra escapatória, é uma fatalidade para o catador não poder, não conseguir, por falta de auto-disciplina, por exemplo, participar do trabalho organizado no capitalismo. Mas, a incapacidade de auto-controle e auto-disciplina para o trabalho organizado, talvez os aspectos mais explícitos dentre os analisados, têm ainda outro sentido ao ser içado pelo catador como algo positivo em sua existência ocupacional – quando manifesta com orgulho sua liberdade e autonomia sobre as condições do trabalho -, serve de precaução,

de um modo de suportar a dureza da realidade, por isso *necessidades se tornam virtudes*, fatalidades se tornam escolhas deliberadas, são engrandecidas de modo que subsumi aquilo que não tem como ser.

Por fim, a perspectiva adotada neste estudo nos proporciona uma percepção perspicaz e esclarecedora das dinâmicas dos processos de *manutenção* da situação de pobreza, desigualdade, e mesmo invisibilidade, de modo a nos dar consciência do grau de dificuldade de uma séria vontade de transformá-las. Ou seja, procuramos entender a fundo os processos de manutenção da desigualdade, de um modo de praticar o trabalho que não fornece suporte suficiente à qualificação dos catadores à dignidade humana e cidadã proporcionada pelo trabalho organizado, como geralmente se pensa. Por opção metodológica, seguindo nesse quesito a mesma orientação adotada por Jessé Souza em suas pesquisas empíricas, não investigamos as alternativas de saída à desqualificação, à precariedade – a consideramos fundamental e imprescindível, e de certo modo conhecemos algo neste sentido, presente nas ações decorrentes do processo de organização dos catadores, capitaneadas principalmente pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis-MNCR. Optamos aqui por fazer o difícil caminho de percrustar o que acontece com quem recorrentemente cai, quem não consegue entrar pelas saídas alternativas, que pouco avança na estruturação de seus condições de vida. Como isso esteve presente e pode ser depurado dos imaginários do senso-comum e da própria auto-imagem dos catadores, re-significando indícios, traços de seus relatos.

## **REFERÊNCIAS**

FREUD, Anna. *O ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: BUP, 1968. (originalmente publicado em 1946).

FREUD, S. (1923). “O Ego e o Id”. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-83.

MACIEL, Fabrício; GRILLO, André. “O trabalho que (in)dignifica o homem”. In: SOUZA, Jessé (org.) *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 241-277.

MARTINS, Felipe Teixeira. “Algumas considerações acerca de processos de reconhecimento dos Catadores de Materiais Recicláveis”. Em: *Revista de Desenvolvimento Social*. número 06/2011. (também em <http://www.ppgds.unimontes.br/index.php/rds>).

SEN, Amartya K. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVEIRA, Rogéria Alves. *A Construção Social do catador e sua ocupação: vivências e perspectivas no trabalho em Montes Claros – MG*. UNIMONTES, 2012. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Social. 158 fl.

SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva: para uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora da Unb, 2000.

\_\_\_\_\_ *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_ *A invisibilidade da desigualdade brasileira.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_ *A ralé brasileira: quem é e como vive* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VYGOTSKY, Levi Seminovitch. *Formação social da mente.* Trad.: J. C. Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche. 6º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.